

## Poemas de UBERTO STABILE

Tradução e nota de **Floriano Martins**

Estes são poemas do livro *Solo uma vez más*, que em 2007 publicou o espanhol Uberto Stabile (1959), numa simpática edição bilíngüe enriquecida com a tradução do português Rui Costa, que também assina uma esclarecedora nota introdutória. Uberto Stabile já esteve no Brasil, participando da 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará (Fortaleza, novembro de 2008), quando a mesma esteve sob a minha curadoria. Há seis anos desenvolve um trabalho editorial e de produção e pesquisa na área literária que envolve ações como a edição de uma expressiva coleção de livros e da revista *Aullido*, assim como a realização dos Encontros Internacionais de Editores Independentes e Edições Alternativas, aspectos todos estes de grande destaque e engrandecimento da cultura na Andaluzia, região da Espanha em que vive. Seus livros são ainda desconhecidos do leitor brasileiro, cabendo aqui apresentá-lo como alguém que nos cativa com sua busca de um diálogo afetivo através da escrita, pondo o humano, em suas reações mínimas e mais cotidianas, no centro dessa mesa de diálogo. Os cinco poemas aqui apresentados foram traduzidos por mim, considerando certas particularidades que, a despeito de qualquer acordo ortográfico, seguirão caracterizando como duas fontes de riqueza incessante o português que se fala no Brasil e em Portugal. Aos leitores de *Desenredos*, portanto, a boa fortuna de conhecer um pouco da poesia de Uberto Stabile. Abraxas

### Ângelus

Observo a lamentável geografia  
de meu quarto  
e por entre os livros  
os bonecos de trapo e circunstância  
as fotografias na parede  
sobre o velho e úmido papel  
me encontro suficientemente abatido  
para compreender  
que tudo continua.

## **Aguardente**

Bebo sem sede, bebo sem pressa,  
bebo como o pirata bebe após o saque  
como bebe o soldado em sua trincheira  
bebo com medo de beber sem ti.  
Nego a ti e te bendigo  
minha boca transparente é também escura,  
sou um astro sem luz,  
um farol fundido.  
Como todas as histórias de amor  
a nossa aqui se conclui,  
teu beijo quente  
teu consolo fugaz  
nem a mim nem a ti nos fez eternos,  
recordará teus conselhos quando a canção chegue ao fim.

## **A levar a vida pela frente**

*Que a vida era em sério só começamos a perceber mais tarde, como todos os  
jovens, eu cheguei a levar a vida pela frente.*

Jaime Gil de Biedma

Ela costumava dizer-me eu te amo  
sinto tua falta  
não posso viver sem ti  
sem teu amor cansado, meu amor  
sem teu amor cansado e tolo

Tinha dezenove anos cobrados ao revés  
enganchados no dedo auricular de uma manhã  
em que rapidamente envelheci  
porque já não podia morrer de amor,  
porque de amor se morre muitas vezes  
mas de velhice apenas uma.

Em seguida me ameaçou com o esquecimento  
E mais tarde esqueceu de cumprir sua ameaça.

É difícil intimidar se não conheces o medo  
Difícil esquecer se não entendes a memória.

## **Disse Gillespie**

Disse Gillespie que a morte não é o pior  
que a dor não é a melhor escola  
nem a fome nos converte em campeões.  
Disse Gillespie  
que não são mais fortes aqueles que mais podem  
e sim aqueles que mais resistem  
aqueles que da derrota erguem carícias.  
Disse Gillespie  
que o mais perigoso nunca é o perigo  
que o mais perigoso é a segurança  
com que iludimos sempre o mesmo perigo.  
Disse Gillespie  
que não é um homem acabado  
que é apenas um homem que está acabando  
que nunca o final substitui o fim,  
porque em realidade  
disse Gillespie  
que lhe disse Parker  
que lhe contou Cortazar  
que em lugar de fazer amor  
já chega a hora  
de que o amor nos faça.

## **Os anos perdidos**

Chegar tarde a todas as partes  
não é uma virtude nem um defeito  
é uma condição que a alma admite  
mas que irrita a memória.  
Cheguei tarde a tantas coisas  
como tarde chega o amor a ser amado.  
Chegar tarde a todas as partes  
tem sido sempre uma surpresa  
um dom que concede ao tempo  
sua maior riqueza.  
E se perdi os anos  
nem por isto perdi o tempo  
pois cada vez que os vejo  
compenso os anos perdidos.

**Floriano Martins** (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, ensaísta e tradutor. Criou e coordena o Projeto Editorial Banda Hispânica (Fortaleza, Brasil), que inclui a revista *Agulha Hispânica*. Dirige, juntamente com Soares Feitosa o Projeto Editorial Banda Lusófona. Coordena a coleção “Ponte Velha” de autores portugueses da Escrituras Editora (São Paulo, Brasil), para a qual já preparou mais de 30 títulos. Organizou algumas mostras especiais dedicadas à literatura brasileira para revistas em países hispano-americanos: “Narradores y poetas de Brasil” (Blanco Móvil, México, 1998), “La poesía brasileña bajo el espejo de la contemporaneidad” (Alforja, México, 2001) e “Poesía brasileña” (Poesía, Venezuela, 2006). Também organizou a mostra “Poesia peruana no século XX” (Poesia Sempre, Brasil, 2008), ao mesmo tempo em que foi co-responsável pelas edições especiais “Poetas y narradores portugueses” (Blanco Móvil, México, 2003), “Surrealismo” (Atalaia Intermundos, Lisboa, 2003) e “Poetas y prosadores venezolanos” (Blanco Móvil, México, 2006). Esteve presente em festivais de poesia realizados em países como Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Espanha, México, Nicarágua, Panamá, Portugal e Venezuela. Entre seus livros mais recentes se encontram: Sobras de Deus (narrativa, Brasil, 2008), A alma desfeita em corpo (poesia, Portugal, 2009), Fuego en las cartas (poesía, trad. Blanca Luz Pulido, España, 2009), A inocência de Pensar (ensaios, Brasil, 2009), Escritura conquistada. Conversaciones con poetas de Latinoamérica (entrevistas, 2 tomos, Venezuela, 2010), La efigie sospechosa (poesía, trad. Marta Spagnuolo, Costa Rica, 2010). Trabalha ainda com fotografia, colagem e design, tendo realizado exposições e capas de livros. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008), e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009). Professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010).